

De uma virgem

Estou a ver a fisionomia do Juiz Souza Netto sôbre a areia pesada de sua consciência — porque os juizes também têm consciência, mesmo quando agem inconscientemente como aconteceu com o Meritíssimo — a meditar sôbre a falha de uma pálida e macerada senhora que se esqueceu de ir à Polícia apresentar queixa contra os rapazes que tentaram violentar a sua filha. Não contra a morte da filha. Para o juiz, isto não tem importância, é matéria **secundária** para a finalização dos autos e remessas dos acusados ao júri. Dona Jamila, aquela pobre senhora que já havia perdido a filha, segundo decisão do eminente Souza Netto, errou por esquecimento. Tal exigência pode estar nos códigos quase secretos em que um juiz, quando quer ou acha que deve, vai buscar as minúcias que podem honrar a sua cultura de magistrado, mas não fazem justiça à sua sensibilidade, à sua perspicácia, nem mesmo à sua condição

de membro da sociedade humana e sentinela dos seus costumes.

Então, Senhor Juiz, uma jovem morre, atirada do terraço de um arranha-céus, depois de ter sido esmurrada na bôca, esbofeteada, mordida no seio virgem, chutada, arranhada, rasgada até nas peças mais íntimas, e, gritando por socorro ou implorando a piedade da bêsta-homem que a escolheava, vê-se jogada para baixo, e tem todos os seus órgãos — o coração, os pulmões, os rins, o fígado, o baço — tudo espatifado na mais horrenda e bárbara de tôdas as mortes — e vem um juiz, como o senhor, um juiz ilustre, decente, honesto, e acena para a família com a fria letra do Código e manda a pobre mãe partir sem justiça, aparvalhada, sob o simples pretexto de que se esqueceu de apresentar queixa contra o atentado ao pudor de que a filha morta, antes de ser morta, havia sido vítima?

O senhor tem filhas, Meritíssimo?